



Contribuições de Pesquisas Qualitativas em Ações Interculturais e Anticoloniais na Educação

Giselle Moura Schnorr, Luzia Aparecida Elias Custódio



RESUMO: Como produzir conhecimentos em perspectivas contra/des/anticolonial e intercultural? Partindo desta pergunta o Projeto de Pesquisa “Espaço de Saberes Anticoloniais e Interculturais (SACI): narrativas memoriais e autobiográficas como fundamento para vivências interculturais e anticoloniais na educação”, vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Práxis Educativa (GEPPRAX) e ao Programa de Extensão Coletivo Paulo Freire de Filosofia, Educação e Cultura, do Colegiado de Pedagogia, da Universidade Estadual do Paraná, campus de União da Vitória, articula ações de extensão e de pesquisa analisando os potenciais éticos, epistêmicos e pedagógicos dos círculos de cultura (Freire, 1987) e de pesquisas qualitativas (Gatti; André, 2011,) para nutrir vivências interculturais (Fornet-Betancourt, 2004; Menezes, 2015; Schnorr; 2019; Moura Schnorr, G.; Vaz, J. D.; Rodrigues, A., 2021) e anticoloniais (Santos, 2015) na educação. Este artigo apresenta um estudo vinculado a este projeto que teve como objetivo o levantamento de dados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) sobre produções relacionadas aos temas: contra colonial, anticolonial, interculturalidade, descolonialização e decolonialidade, na área de educação, no período de 1990 a 2024. Este levantamento é parte do projeto de iniciação científica intitulada “Contribuições de Pesquisas Qualitativas em Ações Interculturais e Anticoloniais na Educação” e procurou mapear pesquisas nestes campos de estudos.

Palavras-chave: Interculturalidade. Decolonialidade. Descolonização. Anticolonial. Contra colonial

Considerações Iniciais

Este trabalho apresenta resultados parciais da pesquisa de iniciação científica intitulada “Contribuições de Pesquisa Qualitativas em Ações Interculturais e Anticoloniais na Educação” que teve como objetivo a realização de estudo teórico-bibliográfico e documental sobre pesquisas qualitativas em educação no Brasil relacionadas aos temas: interculturalidade; descolonização, decolonialidade, contra colonial, anticolonial (Fanon, 2005; Santos, 2015; Freire, 1981; 1985; 1987; Jara, 1996; Fals-Borda, 2015; Rufino, 2021). Esta pesquisa procurou contribuir para os campos de estudos de filosofia intercultural (Fornet-Betancourt, 2004; Menezes, 2015; Schnorr; 2019; Moura Schnorr, G.; Vaz, J. D.; Rodrigues, A., 2021) e para práxis contra/anti/descoloniais que tomam o colonialismo (Cesaire, 2010) e a colonialidade do ser, do saber e poder (Quijano, 2005; Lugones, 2008) como não superados nas sociedades contemporâneas.

A hipótese que orientou a pesquisa foi que os sistemas educacionais, escolares e universitários, suas culturas, formas instituídas e a formação de seus profissionais, foram historicamente constituídos tendo como referências que seus destinatários/as, trabalhadores/as, os/as pobres, os/as camponeses/as, os povos originários, os/as negros/as, as mulheres, as infâncias, são subalternos no padrão de ser-poder-saber (Arroyo, 2013; 2015), o que leva a reprodução do modelo colonial/moderno de educação bancária (Freire, 1981; 1985; 1987), marcada pela reprodução do racismo, sexismo e elitismo. No entanto, ainda que a hipótese acima siga hegemônica na produção e reprodução de conhecimentos, nas últimas décadas, temos um crescimento de pesquisas que se situam no amplo escopo das lutas por libertação, denominadas como contra coloniais, descoloniais e mais recentemente decoloniais.

Em sintonia com a relevância destas pesquisas teórico-práticas temos orientado nosso *quefazer* para a questão: Como produzir conhecimentos em perspectivas contra/anti/descolonial e intercultural? Partindo desta pergunta fazemos parte do Projeto de Pesquisa “Espaço de Saberes Anticoloniais e Interculturais (SACI): narrativas memoriais e autobiográficas como fundamento para vivências interculturais e anticoloniais na educação”, vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Práxis Educativa (GEPPRAX) e ao Programa de Extensão Coletivo Paulo Freire de Filosofia, Educação e Cultura, do Colegiado de Pedagogia, da Universidade Estadual do Paraná, campus de União da Vitória, que articulando ações de extensão e de pesquisa vem debatendo potenciais éticos, epistêmicos e pedagógicos dos círculos de cultura (Freire, 1981; 1985; 1987) e de pesquisas qualitativas (Gatti; André, 2011) tais como história oral, narrativas memoriais e/ou autobiográficas para nutrir vivências interculturais (Fornet-Betancourt, 2004; Menezes, 2015; Schnorr; 2019; Moura Schnorr, G.; Vaz, J. D.; Rodrigues, A., 2021 e anticoloniais (Santos, 2015) na educação.

No contexto de um projeto mais amplo este artigo é resultado do compromisso com um trabalho coletivo e teve como objetivo realizar um levantamento na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) sobre produções na área de educação sobre os temas: contra colonial, anticolonial, interculturalidade, descolonização e decolonialidade, no período de 1990 a 2024. Os resultados aqui apresentados são parciais e fazem parte do projeto de iniciação científica intitulado “Contribuições de Pesquisas Qualitativas em Ações Interculturais e Anticoloniais na Educação”.

Antes de situar os dados coletados realizamos uma breve síntese conceitual dos temas que orientaram a pesquisa. Por se tratar do mesmo campo, pontuamos os estudos decoloniais, no entanto, esta pesquisa não toma estes como únicas perspectivas de luta pela educação libertadora tal como definido por Paulo Freire:

Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática ‘bancária’, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educando passivos. (Freire, 1987, p. 79)

Interculturalidade e os Temas Anti/Contra/Des/Decolonial na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

Considerando a relevância das pesquisas qualitativas no campo da educação consideramos que um passo significativo para responder à pergunta: ‘Como produzir conhecimentos em perspectivas contra/anti/descolonial e intercultural?’ seria conhecer pesquisas catalogadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)¹ neste campo. A escolha pelas pesquisas qualitativas se deu após estudo teórico-bibliográfico no qual identificamos que na história da educação brasileira este campo se originou na Sociologia e Antropologia e que a partir da década de 70 (século XX) foram incorporadas a Educação, se caracterizando pela oposição a dimensão positivista de pesquisa, possuindo amplas contribuições no campo da produção de conhecimento educacional.

As pesquisas qualitativas ao longo das últimas décadas têm contribuído para melhor compreensão de processos de produção do fracasso ou sucesso escolar, de questões vinculadas a preconceitos

¹ Acesso disponível: [Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações \(BDTD\). \(ibict.br\)](https://bdtd.ibict.br/). Acesso: 08set.2024.

sociais e sociocognitivos de diversas naturezas; contribuindo nas discussões sobre diversidade, inclusão e a equidade e a importância dos ambientes escolares e comunitários. (Gatti; André, 2011, p. 34). Outro aspecto é que as pesquisas qualitativas dão ênfase aos sujeitos, as culturas e em determinantes sociais, proporcionando visibilidade sobre o acontecimento pesquisado estabelecendo relações macro e micro à luz dos dados investigados. O recorte realizado no presente estudo foi mapear em modalidades de pesquisa qualitativa temas contemporâneos acerca da interculturalidade e práxis anti/contra/descolonial e decolonial.

Metodologicamente esta pesquisa se inserem no campo da pesquisa qualitativa em educação de caráter bibliográfica e documental, com o objetivo de sistematizar estudos que dissertem sobre modalidades de pesquisa qualitativas em educação que se relacionam com estudos contemporâneos sobre interculturalidade e práxis anti/contra/descoloniais e decolonial. Compreendemos a pesquisa documental como uma ação que se utiliza de técnicas para percepção, compreensão e análise de diferentes dados e documentos, que se faz necessário a abertura a diferentes interpretações e a pesquisa bibliográfica com respaldo ao método analítico hermenêutico, quando voltada ao tema específico, apresenta o aprimoramento e atualização do conhecimento, mediante a uma investigação científica de obras já publicadas. Em relação ao estudo documental, Lüdcke e André (1986, p. 38) afirmam que a: “[...] análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema.”

A fonte do estudo documental foi a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) que tem por objetivo integrar, em um único portal, os sistemas de informação de teses e dissertações existentes no país e disponibilizar um catálogo nacional de teses e dissertações em texto integral, possibilitando uma forma única de busca e acesso a esses documentos.

Na plataforma de pesquisa “Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)”, pesquisamos separadamente e entre aspas os termos “Descolonial” “Decolonial” “Anticolonial” “Contra colonial” e “Intercultural”, na área da educação, publicados entre 1990 e 2024. Com este levantamento localizamos um total de 341 (trezentos e quarenta e um) trabalhos entre teses e dissertações relacionados aos temas acima mencionados. Um assunto comum nesses trabalhos é o papel da educação na formação para a superação do colonialismo (Cesaire, 2010; Fanon, 2015) e/ou da colonialidade (Quijano, 2005).

Na metade do século XX Aimé Cesaire, que foi professor de Frantz Fanon, definia o colonialismo como coisificação, que construiu ao longo de séculos dominação e opressão. A Colonização

econômica e política se dá com a construção ideológica da oposição entre civilização x barbárie, fenômeno não é superado com a “libertação das colônias” ou “independências” :

A maldição mais comum nesta matéria é deixarmo-nos iludir, de boa-fé, por uma hipocrisia coletiva, hábil em enunciar mal os problemas para melhor legitimar as soluções que se lhes aplicam. Posto isto, admito que é bom pôr civilizações diferentes em contato umas com as outras; [...] que uma civilização, seja qual for o seu gênio íntimo, se estiola se se encerrar sobre si mesma; que, aqui, o intercâmbio é o oxigênio e que a grande sorte da Europa é ter sido uma encruzilhada e que o fato de ter sido o lugar geométrico de todas as ideias, o receptáculo de todas as filosofias, o ponto de acolhimento de todos os sentimentos, fez dela o melhor distribuidor de energia. Mas então, pergunto: a colonização pôs verdadeiramente em contato? Ou, se se prefere, era ela a melhor das maneiras para se estabelecer o contato? Eu respondo não. E digo que da colonização à civilização a distância é infinita; que de todas as expedições coloniais acumuladas, de todos os estatutos coloniais elaborados, de todas as circulares ministeriais expedidas, é impossível resultar um só valor humano. É a minha vez de enunciar uma equação: colonização = coisificação. Eu falo de sociedades esvaziadas de si próprias, de culturas espezinhadas, de instituições minadas, de terras confiscadas, de religiões assassinadas, de magnificências artísticas aniquiladas, de extraordinárias possibilidades suprimidas. A verdade é que eu disse uma coisa totalmente diferente, a saber: que o grande drama histórico da África não foi tanto o seu contato demasiado tardio com o resto do Mundo, como a maneira como esse contato se operou (Cesaire, 2010, p. 32)

Como coloca Santiago Castro-Gómez: “la construcción del imaginario de la “civilización” exigía necesariamente la producción de su contraparte: el imaginario de la “barbarie” 3 (Castro-Gómez, 2000: 151).

Aníbal Quijano define a colonialidade do poder como a forma que a dominação e a exploração se tornam o sistema de poder mundial capitalista. “Colonialidade” diz respeito a classificação das populações do mundo em termos de raças, se trata portanto, da racialização das relações entre colonizadores e colonizados/as. Para o autor a hegemonia do capital se articula com controle do trabalho assalariado e escravizado, marcado pela lógica da racialização, tendo o eurocentrismo como o novo modo de produção e controle das subjetividades. (Quijano, 2005). Frantz Fanon, em “Pele Negra, Máscaras Brancas” (2008), retrata que a expressão da “raça” foi fundamental no processo de colonização: “quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o

colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será” (Fanon, 2008: 34).

A categoria colonialidade contribui para compreendermos que histórias, formas de vida, saberes e subjetividades colonizadas são engendradas em lógicas binárias, dualistas. De acordo com esta perspectiva, a modernidade e a racionalidade foram imaginadas como experiências e produtos exclusivamente europeus. Desse ponto de vista, as relações intersubjetivas e culturais entre a Europa, ou, melhor dizendo, a Europa Ocidental, e o restante do mundo, foram codificadas num jogo de novas categoriais: Oriente-Occidente, primitivo-civilizado, mágico/mítico-científico, irracional-racional, tradicional-moderno. Em suma, Europa e não Europa, primitivo x civilizado.

Pesquisas sobre educação intercultural, descolonial, decolonial, anti ou contracolonial, em maior ou menor grau, dialogam com a problemática da expansão do colonialismo e reprodução de subjetividades colonizadas e reduzidas ao pensar monocultural ocidental-europeu onde o outro, a diferença, é objeto de exclusão.

Paulo Freire, ao lado de Frantz Fanon, Aimé Césaire, Amílcar Cabral entre outros se ocupou da problemática da descolonização das mentalidades, como expressa em *Pedagogia da Pergunta*: “[...] a descolonização das mentes é mais demorada que a expulsão física do colonizador” (Freire, 1985, p. 111).

Em *Cartas a Guiné-Bissau: registros de um exepirência em processo*, problematizando os desafios da educação em meio das lutas por libertação argumenta:

A história dos colonizados “começava” com a chegada do colonizador, com sua presença “civilizatória”; a cultura dos colonizados, expressão de sua forma bárbara de compreender o mundo. Cultura só a dos colonizadores. A música dos colonizados, seu ritmo, sua dança, seu bailes, a ligeireza de movimentos de seu corpos, sua criatividade em geral, nada disto tinha valor. Tudo isso, quase sempre, tinha de ser reprimido, em seu lugar, imposto a gosto da Metrópole, no fundo, o gosto das classes dominantes metropolitanas. Se inserir na história é se inserir num processo de “descolonização das mentes” (Freire, 1978, p. 20).

Frantz Fanon em “*Os Condenados da Terra*” ao abordar a descolonização expõe:

A descolonização, que se propõe a mudar a ordem do mundo, é, como se vê, um programa de desordem absoluta. [...] é verdadeiramente a criação de homens novos. [...] há, pois, exigência de um questionamento integral da situação colonial. (Fanon, 2015).

O conceito de decolonialidade é mais recente e remete a diferentes autores/as (Ballestrin, 2013) se apresentando como uma proposta de giro epistemológico a partir das margens dos modelos hegemônicos e eurocêntricos. Neste sentido a decolonialidade visa a insurgência à modernidade, a crítica a pós-modernidade e pretende ir além dos denominados “estudo pós-coloniais”.

O termo decolonialidade surge a partir da década de 90 (século XX), no âmbito dos estudos do grupo MCD (Modernidade, Colonialidade e Decolonialidade) e objetiva contribuir no enfrentamento da colonialidade e do pensamento moderno. Entre os estudiosos deste campo temos: Aníbal Quijano, Castro Gomes, Catherine Walsh, Edgard Lander, Nelson Maldonado-Torres, Walter D Mignolo e Enrique Dussel que estabelecerá um diálogo com estes autores na perspectiva da filosofia da libertação, entre outros. Podemos dizer que o projeto decolonial se coloca como um caminho para resistir e desconstruir padrões, conceitos e perspectivas impostos aos povos subalternizados, sendo também uma crítica direta à modernidade e ao capitalismo.

Sobre interculturalidade são amplas as elaborações teóricas, tais como no Brasil as contribuições de Reinaldo Fleuri, Magali Mendes Meneses, Neusa Vaz e Silva, Giselle Moura Schnorr, Vera Candau entre outros e Catherine Walsh desde Equador.

Para Catherine Walsh, autora que situa-se no campos da decolonialidade, a interculturalidade: “es la posibilidad de impulsar o encaminar un interpensamiento e interrelacionamiento que no tienen la pretensión de asumir la perspectiva del otro sino permitir que la diferencia intervenga en uno, abriendo así nuevas perspectivas interculturales de vivir con o con-vivir” (Walsh, 2009, p. 15).

Vera Candau destaca que o multiculturalismo e a interculturalidade são temas de destaque em estudos sobre: questões de gênero, sexualidade, relações étnico-raciais, tensões entre igualdade e diferenças e direitos humanos. A autora expõe que:

[...] a educação intercultural não pode ser reduzida a algumas situações e/ou atividades realizadas em momentos específicos, nem focalizar sua atenção exclusivamente em determinados grupos sociais. Trata-se de um enfoque global que deve afetar todos os atores e todas as dimensões do processo educativo, assim como os diferentes âmbitos em que ele se desenvolve. No que diz respeito à escola, afeta a seleção curricular, a organização escolar, as linguagens, as práticas didáticas, as atividades extraclasse, o papel do/a professor/a, a relação com a comunidade etc. (Candau, 2009, p. 170)

No levantamento realizado na BDTD observamos que são poucos os trabalhos, não quantificados nos limites deste artigo, que dialogam com a Filosofia Intercultural proposta do filósofo cubano-alemão Raúl Fonet-Betancourt (2004) que define a interculturalidade como ruptura com pensamento monocultural, portanto, não somente antieurocêntrica, mas que visa a libertação do pensamento das amarras de vínculo com uma única tradição sendo crítica a dependência exclusiva do conhecimento a um eixo cultural. Neste sentido Fonet-Betancourt critica igualmente qualquer tendência latino-americana-centrista ou de afro-centrismo, eurocentrista etc. Sua visão é de fixar a reflexão na busca de interconexões, de intercomunicação e de abrir espaços uma razão interdiscursiva.

Em Interculturalidade: críticas, diálogo e perspectivas, expõe o que compreende por interculturalidade:

[...] por interculturalidade compreende-se aqui não uma posição teórica, nem tampouco um diálogo de/e/ou entre culturas [...] senão que interculturalidade quer designar, antes, aquela *postura* ou *disposição* pela qual o ser humano se capacita para, e se habitua a viver “suas” referências identitárias *em relação* com os chamados “outros”, que dizer, compartilhando-as em convivência com eles. Daí que se trata de uma atitude que abre o ser humano e o impulsiona a um processo de reaprendizagem e recolocação cultural e contextual. É uma atitude que, por nos tirar de nossas seguranças teóricas e práticas, permite-nos perceber o analfabetismo cultural do qual nos fazemos culpáveis quando cremos que basta uma cultura, a “própria”, para ler e interpretar o mundo. (Fonet-Betancourt 2004, p. 13)

Síntese dos Dados da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)

Na tabela 1 apresentamos o total de trabalhos localizados na BDTD de acordo com o assunto pesquisado: “descolonial”, “decolonial”, “anticolonial”, “contra colonial” e “intercultural” :

Tabela 1 – Dados na BDTD

| Termos | Áreas | Período | Resultados | Teses | Dissertações |
|---------------|--------------|----------------|-------------------|--------------|---------------------|
| Descolonial | Educação | 1990-2024 | 53 | 17 | 36 |
| Decolonial | Educação | 1990-2024 | 108 | 38 | 70 |

| | | | | | |
|----------------|----------|-----------|-----|-----|-----|
| Anticolonial | Educação | 1990-2024 | 2 | 1 | 1 |
| Contracolonial | Educação | 1990-2024 | 31 | 15 | 16 |
| Intercultural | Educação | 1990-2024 | 147 | 48 | 99 |
| TOTAL | | | 341 | 119 | 222 |

As 147 (centro e quarenta e sete) pesquisas sobre interculturalidade, em sua maioria se situam em torno do diálogo sobre diversidade cultural, destacando a prática intercultural como uma relação de aprendizagem em relação a conviver com o outro, ou seja, o tema da diferença é central. O número de teses e dissertações sobre interculturalidade tiveram um crescimento entre os anos de 2014 e 2021 e a maioria dos trabalhos estão relacionados a ações pedagógicas antirracistas e de resistências, destacando a ancestralidade africana, afro-brasileira e indígena.

Ao longo da pesquisa percebemos que os termos descolonial e decolonial estão presentes em diferentes áreas de conhecimento tais como sociologia, filosofia, antropologia e estudos culturais, direito, história, portanto, trata-se de um campo interdisciplinar. Ao identificamos esta característica interdisciplinar consideramos relevante registrar estes dados, que vão além do escopo deste trabalho que é a educação. A título de ilustração, na plataforma BDTD, ao realizamos a busca “o que é descolonial” entre 2010 a 2024, sem especificar a área do conhecimento obteremos os seguintes resultados:

Tabela 2 – Dados na BDTD

| Ano | Tese | Dissertação |
|-----------|------|-------------|
| 2010-2024 | 21 | 26 |

E ao pesquisarmos “o que é decolonial”, delimitado nos anos de 2010 a 2024, nas seguintes áreas: educação, história, ciências humanas e direito temos os seguintes resultados:

Tabela 3 – Dados BDTD

| Ano | Área do conhecimento | Tese | Dissertação |
|-----|----------------------|------|-------------|
|-----|----------------------|------|-------------|

| | | | |
|--------------|------------------|----|----|
| 2010-2024 | educação | 14 | 16 |
| | história | 0 | 5 |
| | direito | 0 | 5 |
| | ciências humanas | 2 | 6 |
| Total | | 16 | 32 |

Os dados revelam que a área de educação concentra o maior número de pesquisas nas temáticas “interculturalidade”, “decolonialidade” e “descolonização”. Já o tema anticolonial tem o menor número de trabalhos, sendo uma tese e uma dissertação (Tabela 1) e sobre o termo contra colonial, que remete principalmente a produção do intelectual quilombola Nêgo Bispo dos Santos (2025), localizamos 15 (quinze) teses e 16 (dezesseis) dissertações (Tabela 1). Todos os dados da tabela 1 estão situados em produções na área de educação no campo da pesquisa qualitativa.

Considerações Finais

As consequências do modelo colonial/moderno para educação vêm sendo debatido e gerado significativas elaborações teóricas, pois a educação no Brasil e na América Latina se constituíram, principalmente, como experiências de dominação e negação das diversidades. Este projeto educativo historicamente construído pela burguesia-colonial europeia parte de um sujeito abstrato e o Estado assume o papel de formação de indivíduos a serviço da sociedade capitalista que homogeneiza, desestrutura os laços de solidariedade em nome da competitividade e tem gestado a negação do outro, cumprindo um função aniquiladora das culturas populares e subalternizados.

O reconhecimento das diversidades humanas e culturais passa pela prática intercultural que possa contribuir para mudar o *ethos* hegemônico e a educação é central nesta tarefa desafiadora que implica na luta por mudanças no sistema educativo que destrói singularidades, que reduz possibilidades de afirmação crítica das culturas e encontra-se cada vez mais em contraposição a emancipação. Isso significa uma posição crítica ao caráter massificante da educação escolar e universitária em perspectiva de pensar-se a partir de onde estão situados, no compromisso com as pessoas com as quais cotidianamente convivem, desde os territórios e sobretudo com o acolhimento de memórias, de conhecimentos e de histórias de resistência.

Ao pesquisarmos as especificidades da pesquisa qualitativa e suas contribuições para o campo de práticas interculturais, anti/contra/descoloniais identificamos que a área da educação possui o maior número de produções, no entanto, há muito a ser desenvolvido. Destacamos que o estudo teórico-bibliográfico sobre interculturalidade e os temas anti/contra/des/decolonial contribuiu para situar este vasto campo de pesquisa que está em construção e sucitou a importância de reflexões acerca das diferenças em meio a esta diversidade epistemológica, questão brevemente pontuada ao longo deste artigo mas que requer aprofundamento.

O realizado, além de contribuir para este campo, teve significativa relevância na formação em iniciação científica da graduanda em direito envolvida. Soma-se a isso o fato do trabalho de pesquisa não estar dissociado da extensão universitária, aproximando pesquisadores/as e comunidade externa em relações horizontais de conhecimento, bem como fomentando o debate acerca de demandas concretas de formação de professores/as no território em que estamos situados.

Podemos concluir que a busca e produção de referenciais teóricos que incluam temas como “descolonial”, “decolonial”, “anticolonial”, “contracolonial” e “intercultural” é de extrema importância para um futuro menos racista, colonizador e violento. É crucial reconhecermos que as lutas por libertação tem uma larga memória histórica e que estas passam por descolonizar todos os setores da vida, sendo portanto, uma questão atual, uma jornada contínua de construção de conhecimentos coletivos que exigem permanente reflexão acerca das nossas práticas cotidianas e vigilância quanto a modismos teóricos. A descolonização é luta política, mas também uma luta para desconstruirmos os nossos pensamentos e as culturas que ainda são espelhados em práticas coloniais dominantes.

Referências

ARROYO, Miguel. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. ARROYO, Miguel Gonzalez. **O direito à educação e a nova segregação social e racial: tempos insatisfatórios?** Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 31, n. 3, p. 15-47, set. 2015.

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº11. Brasília, maio – agosto de 2013, pp. 89-117.

CANDAU, Vera, M. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. In: CANDAU, V. M. (Org.). Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 154-173.

Castro-Gómez, Santiago. **Ciencias Sociales, violencia epistémica y el problema de la ‘invención del otro’**. In Lander, Edgardo (org.), La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas (pp. 145-162). Buenos Aires: CLACSO, 2000.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Blumenau: Letras Contemporâneas, 2010.

DUSSEL, Enrique (2000). “**Europa, modernidad y eurocentrismo**”, em LANDER, Edgardo (Coord.). La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales, perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso.

FANON, Franz (2010). **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF.

FALS BORDA, O. **Una sociología sentipensante para América Latina**. México: Siglo XXI Editores; Buenos Aires: CLACSO, 2015.

FAUNDEZ, A.; FREIRE, P. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Criando métodos de pesquisa alternativa**. In: Brandão, Carlos Rodrigues (Org.). Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. . Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987

FORNET-BETANCOURT, Raúl. **Interculturalidade, críticas, diálogos e perspectivas**. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004.

GAJARDO, Marcela. **Pesquisa participante na América Latina**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GATTI, B. A.; ANDRÉ, M. **A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil**. In: WELLER, W.; PFAFF, N. (Orgs.). Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação: teoria e prática. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2011. P. 29-38

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. – São Paulo: EPU, 1986.

LUGONES, Maria. **Colonialidade e gênero**. Revista Worlds and Knowledge Otherwise. Durham: Duke University, v. 2, dossiê 2, p. 1-17, abr., 2008.

MENEZES, Magali M. De. **A Filosofia feminista desde os olhares da filosofia intercultural: uma reflexão entre margens**. In: PACHECO, J. (Org.). Mulher & Filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico. Porto Alegre: Editora Fi, 2015.

MOURA SCHNORR, G.; VAZ, J. D.; RODRIGUES, A. S. **Educação e vivências interculturais: contribuições dos círculos de cultura em práticas libertadoras.** Olhar de Professor, v. 24, p. 1-27, 20 mar. 2021.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** In: LANDER, E. (Org.). A colonialidade do saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas LatinoAmericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RUFINO, Luiz **Vence-demanda: educação e descolonização.** Rio de Janeiro: Mórula, 2021.
SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, Quilombos, Modos e Significados.** Brasília: INCT; UnB, 2015.

SCHNORR, Giselle Moura. **Inéditos Viáveis, Interculturalidade e Libertação.** Revista do NESEF: Filosofia e Alteridade. Número 8. Jan/Jul. 2019, p. 24 a 46.

WALSH, Catherine. **Pedagogías Decoloniales. Práticas Insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir.** Serie Pensamiento Decolonial. Equador: Editora Abya-Yala, 2017.

LUGONES, Maria. **Colonialidade e gênero.** Revista Worlds and Knowledge Otherwise. Durham: Duke University, v. 2, dossiê 2, p. 1-17, abr., 2008.

MENEZES. Magali M. De. **A Filosofia feminista desde os olhares da filosofia intercultural: uma reflexão entre margens.** In: PACHECO, J. (Org.). Mulher & Filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico. Porto Alegre: Editora Fi, 2015.

MOURA SCHNORR, G.; VAZ, J. D.; RODRIGUES, A. S. **Educação e vivências interculturais: contribuições dos círculos de cultura em práticas libertadoras.** Olhar de Professor, v. 24, p. 1-27, 20 mar. 2021.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** In: LANDER, E. (Org.). A colonialidade do saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas LatinoAmericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RUFINO, Luiz **Vence-demanda: educação e descolonização.** Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, Quilombos, Modos e Significados.** Brasília: INCT; UnB, 2015.

SCHNORR, Giselle Moura. **Inéditos Viáveis, Interculturalidade e Libertação.** Revista do NESEF: Filosofia e Alteridade. Número 8. Jan/Jul. 2019, p. 24 a 46.

WALSH, Catherine. **Pedagogías Decoloniales. Prácticas Insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir.** Serie Pensamiento Decolonial. Equador: Editora Abya-Yala, 2017.

Walsh, Catherine. **Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (de) coloniales de nuestra época.** Quito: Ediciones Abya-Yala, Universidad Andina Simón Bolívar, 2009.

Autoras:

Giselle Moura Schnorr

Doutora em Educação (USP), graduada em Filosofia (UFPR), professora adjunta na Universidade Estadual do Paraná, campus de União da Vitória, no Colegiado de Pedagogia e no Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO)

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7136004914851928>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0396-8693>

e-mail: giselle.schnorr@unespar.edu.br .

Luzia Aparecida Elias Custódio

Graduanda do Curso de Direito da Universidade Estadual do Paraná, campus de União da Vitória, bolsista de iniciação científica pela Fundação Araucária/PR,

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5667074662721225>

e- mail: luziae27@gmail.com.